

O segredo da bala do Pinga

“Mocotó com leite dá força e dá vigor. Do Pinga cinco. Do Pinga, por favor!” Assim cantava o Velho Pinga, entre toques de berrante, a sua canção pelas ruas e praças de Sant’Ana do Livramento, nos anos 1970 e 1980. A gurizada corria, alegremente, ao seu encontro, louca para saborear as balas de mocotó-com-leite. O “Viejo de la guampa”, antes de entregar o produto ao infante cliente, contava e recontava as balas e dizia “vai uma de inhapa”, ainda que entregasse apenas as cinco balas compradas.

Nas histórias das balas, contadas de geração em geração, sempre se faz presente, junto ao Pinga, uma saudosa atmosfera do passado desta Fronteira. É como se o berrante, a canção, a caixa de balas enroladas em papel branco, a piada e os passos do Velho Pinga tivessem o poder de reconstruir uma cidade que não mais existe, mas que ainda está por aí... viva nas memórias de quem o conheceu ou escutou as histórias contadas a seu respeito.

Pensando nas famosas balas de mocotó-com-leite me ocorreram várias ideias, tais como: resgatar a receita original; propor ao curso binacional de gastronomia do IFSul-UTU a realização de uma pesquisa sobre essa originalíssima iguaria; articular as forças políticas para declará-la, oficialmente, como patrimônio imaterial da Fronteira; e ainda, produzi-la com a finalidade de distribuí-la aos turistas que acorrem às cidades de Rivera e Sant’Ana do Livramento.

Comecei a conversar com as pessoas sobre essas ideias, e a partir dos diálogos, cheguei à conclusão de que o meu intento é irrealizável. Primeiramente, é impossível refazer a bala porque a receita morreu junto como seu criador. Pinga tinha segredos culinários que nunca contou para ninguém. E, em segundo lugar, porque uma bala de mocotó-com-leite similar não seria a mesma bala do Pinga, faltar-lhe-ia o ser social do passado que a gerou, sobretudo, os espaços urbanos e as pessoas que não mais existem. A bala do Pinga, sem o Pinga, seria uma ideia tão absurda e ilógica como uma chuva sem água.

Além dos ingredientes essenciais à sua fabricação, o mocotó e o leite, a bala do Pinga, guardada na caixa da memória, é adocicada pela saudade dos amigos de infância; pela recordação das ruas, esquinas, prédios, sinaleiras e praças do passado; pela lembrança dos jogos no estádio de futebol ou dos desfiles no Dia da Pátria; pela reminiscência da companhia de uma vó, de um tio, ou, até mesmo, dos pais que pagavam pelo doce mais famoso e característico da Fronteira – ou seja, por ingredientes

que residem apenas na memória coletiva do povo fronteiriço e que, portanto, não caberiam numa panela.

De toda essa história, talvez o dado mais interessante, seja o quanto a intangível bala do Pinga suscita um desejo, ainda maior, em quem não viveu aquele tempo. A famosa guloseima é inesquecível até mesmo para quem nunca a provou com o paladar, mas teve a oportunidade de devorá-la por meio das histórias, carregadas de emoções e saudades, contadas e recontadas pelas crianças de ontem para as crianças de hoje.

Por isso, a melhor homenagem que se pode fazer ao Pinga, e ao seu mundo, não reside na recriação da bala de mocotó-com-leite “que dá força e dá vigor”. Tal feito não passaria de um simulacro incapaz de recriar a bala original. Por isso, quem quiser encontrar a bala do Pinga que a busque lá onde ela sempre esteve viva, presente e disponível para a degustação. Busquem-na na memória e nas histórias do povo da Fronteira. Ah! E parece que ainda leva uma de inhapa!